

Estudos africanos: Um olhar Sociológico das lacunas em África na produção de conhecimento

Leonildo David Toco¹

Segone Ndagalila Cossa²

RESUMO

O presente artigo debruça-se sobre o processo de produção de conhecimento científico afrocêntrico nas instituições de Ensino Superior nos países da África Subsaariana. Para não incorrer em risco de generalização grosseira, lançamos um olhar sociológico crítico e complexo, a partir da sociologia da educação em diálogo com os estudos africanos, à realidade angolana. Pretendemos, como objetivo central, compreender a partir dos Planos pedagógicos e curriculares das disciplinas de humanidades ministradas nas instituições de ensino superior em Angola, como se dá a produção e circulação de conhecimento afrocêntrico. Paralelamente ao objetivo supracitado, como forma de contextualizar as dinâmicas de produção de conhecimento no campo das humanidades em Angola, lançamos um olhar diacrônico para a construção da relevância do campo acima mencionado. Desta feita, o artigo também problematiza a constituição do campo das humanidades em Angola e as linhas teóricas dominantes, salientando o seguinte: os diálogos que autores, pesquisadores, docentes e discentes angolanos, a partir da academia, estabelecem com as demais cátedras e autores do Sul-global, principalmente da África Subsaariana; as referências usadas nas ementas das disciplinas; a produção de dissertações e teses de doutorado no campo das humanidades nas instituições de Ensino superior angolanas. A pesquisa desenvolvida tem natureza descritiva e analítica. Nessa esteira, destacamos um conjunto de bibliografias cujo conteúdo centra-se na produção e circulação de conhecimento a partir de África, exortando um diálogo de dentro para fora, isto é, primeiro entre os pesquisadores que abordam as mesmas temáticas no continente e, posteriormente, a inscrição desse debate e suas conclusões/ilações na cartografia mundial de produção de conhecimento relevante sobre a humanidade como um todo.

Palavras Chaves: Angola, Estudos africanos, extroversão, conhecimento endógeno.

¹ Discente do curso de licenciatura em Sociologia na Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).
E-mail: leonildodavidtoco2018@gmail.com

² Orientador, professor na Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).
E-mail: cossa.segone@unilab.edu.br

ABSTRACT

The present article focuses on the process of producing Afrocentric scientific knowledge in institutions of higher education in Sub-Saharan African countries, with a focus on the Angolan reality. To avoid the risk of gross generalization, we take a critical and complex sociological look at the Angolan reality from the sociology of education in dialogue with African studies. Our central objective is to understand how Afrocentric knowledge production and circulation occur based on the pedagogical and curricular plans of humanities courses taught in Angolan institutions of higher education. In parallel with the aforementioned objective, as a way of contextualizing the dynamics of knowledge production in the field of humanities in Angola, we take a diachronic look at the construction of the relevance of the aforementioned field. This article also problematizes the constitution of the field of humanities in Angola and the dominant theoretical lines, highlighting the following: the dialogues that Angolan authors, researchers, teachers, and students establish with other chairs and authors from the global South, mainly from Sub-Saharan Africa; the references used in the course syllabi; the production of dissertations and doctoral theses in the field of humanities in Angolan institutions of higher education. The research developed has a descriptive and analytical nature. In this vein, we highlight a set of bibliographies whose content focuses on the production and circulation of knowledge from Africa, urging a dialogue from within to outside, that is, first among researchers who address the same themes on the continent and, subsequently, the inscription of this debate and its conclusions/implications in the world map of relevant knowledge production about humanity as a whole.

Keywords: Angola, African studies, extraversion, endogenous knowledge.

INTRODUÇÃO

A quantidade invejável de um *corpus* teórico-epistemológico multidisciplinar focalizado em destacar África como objeto analítico como é o caso de sociologia africana, antropologia africana ou de África, filosofia africana, entre outras disciplinas, levantam duas questões que nos pedem **respostas urgentes**:

- O conhecimento produzido por intelectuais africanos (continentais) sobre África se ancora em epistemes afro-referenciadas e endógenas?
- O conhecimento produzido por intelectuais africanos apenas destaca o lugar de fala dos agentes epistêmicos não resignificando e subvertendo toda uma estrutura epistêmica (Santos, 2009) e de colonialidade de saber (Quijano, 2005).

O continente africano possui inúmeras histórias e registros anteriores ao colonialismo e contemporâneas do pós-colonialismo. No caso de Angola, são registros, memórias e histórias raramente debatidas, contestadas, resignificadas dentro dos espaços de produção de conhecimento (Mendes, et al, 2010). Para fugir da generalização grosseira, importa destacar que existem autores e pesquisadores angolanos que se têm voltado à produção de conhecimento a partir de África/Angola, destacando seu potencial heurístico. Tais autores, como é o caso de Quijila (2022), privilegiam um debate entre pares africanos/angolanos como forma de produzir teoria social complexa, densa e que retrate a realidade angolana regenerando-a.

No mesmo diapasão que Quijila, Kandingi (2015), recusam-se a pensar Angola somente como objeto ou dado empírico. Kandingi, destaca a urgência de se contestar o processo de produção de conhecimento a partir de um único *locus* de enunciação e legitimação de saberes, do ocidente.

[...] a necessidade de reconhecer o papel das Humanidades na transformação do pensamento endógeno presentemente colhe o consenso das várias comunidades científicas e disciplinares em África. Nesta medida, o continente africano continua a ser o centro dos debates de que emana a vontade de mudança perante as matrizes normativas dominantes nos discursos sobre as suas realidades. Por outro lado, ao nível planetário vive-se o declínio dos processos de legitimação dos discursos, narrativas e disciplinas que constituem as Ciências Sociais e Humanas (KANDINGI, 2015, p.).

Alhures, em seu texto (tese de Doutorado), o autor acima mencionado fala sobre a necessidade de provincialização da Europa, destacando o seguinte:

Era preciso conhecer em profundidade o limite até ao qual o Ocidente se aproximara insidiosamente de África, pressupondo a descoberta naquilo que nos permite pensar contra o Ocidente, o que é ainda ocidental (Mudimbe, 1982:44). Após sucessivos apogeus imperiais e declínios das teorias científicas, ausências e emergências de agentes epistémicos, construía-se no horizonte o imperativo de legitimar o pensamento endógeno africano e explorar as suas condições de possibilidade, visando a consolidação dos campos disciplinares que revelam a fecundidade da modernidade africana, concretizando-se esta através da absorção dos princípios que modelam a ossatura da modernidade ocidental (KANDINGI, 2016, p. 1 e 2)

O debate sobre a valorização do conhecimento endógeno em África é anterior às independências. O debate se situa na reivindicação de uma etnofilosofia africana e seus desdobramentos. Autores como é o caso de Hountondji (1996), criticando o posicionamento de Tempels que reifica a uma suposta superioridade racional da filosofia ocidental em detrimento de uma filosofia Bantu, destaca que produções intelectuais análogas a de Tempels são enviesadas e impregnadas de preconceitos (o autor supracitado chama-as de literatura alienadas). Na mesma senda, Mudimbe (2013), destaca que a constituição do campo dos estudos africanos é caracterizada por um glossário e *corpus* teórico com categorias de representação dos nativos e suas práticas calcadas na alteridade radical e autoridade etnográfica. Esse glossário e *corpus* teórico são retratados por Mudimbe (2013), como **biblioteca colonial**. Campos disciplinares como a antropologia tiveram um papel fundamental no processo de estudo e nomeação de culturas primitivas, dando um aporte teórico para a colonização do continente africano.

Interessa-nos complexificar como se dá ou não essa desconstrução da **biblioteca colonial** agora de produção de conhecimento nas instituições de ensino superior em Angola.

Importa realçar, que a partir do estudo da realidade social angolana, com as devidas limitações e ressalvas epistemológicas, por analogia, comparamos essa realidade com outras da África subsaariana, pois acreditamos existir pontos de similaridade e convergência. Ademais, como mencionamos anteriormente no texto, aquilo que Hountondji (2009, p.128) chama de extroversão, o trabalho científico proveniente de estudiosos africanos preocupados em dialogar com pares ocidentais. É um conceito que traduz a predisposição que muitos autores/ intelectuais africanos têm de escrever para fora do continente. Suas linhagens teóricas e suas redes de produção intelectual centram-se no norte global. Reforçando o ponto de vista do Hountondji, os argumentos de Elisio Macamo (2002), discutem de forma sucinta como se dá a constituição de uma sociologia africana a partir dos seus saberes endógenos, nomeadamente da sociologia do cotidiano, sociologia rural, sociologia do conhecimento e a partir das transformações sociais

locais. Assim sendo, as contribuições de Macamo (2002), nos remetem em trazeremos estudos científicos voltados aos saberes locais, entende-se que, **“uma sociologia das sociedades africanas consiste na produção do saber africano. Este Saber reflete criticamente sobre as nossas condições existenciais e aceita o facto de que nós, as nossas sociedades são a reflexão e produto da nossa relação ambígua com a modernidade.”**

Todavia, de acordo Taiwo (2016, p.1652), os estudos africanos podem ser, e geralmente são, sobre a África, mas eles definitivamente não são para os africanos – ou pelo menos, se forem, então isso não ocorre diretamente. São questões levantadas que deviam ser analisadas com mais detalhes e com a preocupação de resolver esses problemas, apostando na formação dos estudos africanos mais voltado para o debate interno, africanos para africanos. O interesse principal parte de figuras governamentais, pois, são esses que têm o poder e a autonomia de mudar as políticas deixadas pela empresa colonial. Diante disso, os saberes africanos devem e podem ser mais voltados às epistemologias africanas.

Entretanto, para a realização do presente artigo, utilizou-se diferentes formas de pesquisa, apontando como a principal a metodologia qualitativa. Neves (1996), defende que a pesquisa qualitativa assume formas diferente nos estudos das ciências sociais, compreendendo as diferentes técnicas interpretativa para descrever e a decodificar o complexo de significados. Com os procedimentos destacados optamos em utilizar a técnica de revisão bibliográfica.

Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica/documental é desenvolvida na análise e na revisão de materiais acadêmicos já elaborados, constituídos principalmente de artigos acadêmicos, livros, dissertações, teses, ensaios e por diante. Gil (2002), afirma que a maior parte dos trabalhos exploratórios podem ser definidas como pesquisas bibliográficas.

A realização da pesquisa se deu por meio desses procedimentos metodológico, por se tratar de discussões já apontadas por outros autores que realizaram estudos bibliográficos e documental sobre a temática que me debruço no presente texto.

Assim, dividimos o presente artigo em três principais tópicos: o primeiro tópico aponta para a contextualização do processo de aquisição e **produção de conhecimento em angola**. No segundo tópico debatemos sobre, a **desvalorização dos estudos africanos**. No terceiro e último tópico discutimos, a partir de Angola, **o papel das humanas em África**.

O interesse pela temática surgiu por conta do pouco conteúdo de estudos afrocêntricos, enquanto eu fazia o ensino médio, pois me instigou em compreender as razões da pouca presença no conteúdo programático dos estudos africanos em Angola/África nos espaços de formação acadêmica/escolar. Aprofundei-me nas universidades onde o processo de produção e aquisição de conhecimento é mais profícuo.

1. PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM ANGOLA

País que faz parte do continente africano, membro da CPLP³ e membro da SADC⁴. A República de Angola, possui uma extensão territorial de 1.246.700km, está situada na costa ocidental de África. De acordo com Zau (2002, p.32), é limitada a norte pela República do Congo, e por uma parte a República Democrática do Congo (ex Zaire); a leste pela República da Zâmbia, e por uma boa parte da República Democrática do Congo, a sul pela Namíbia; oeste pelo oceano Atlântico. Tendo como sua capital Luanda.

Antiga colônia de Portugal, Angola, teve uma luta armada para expulsar o colono de sua terra. Todavia, de acordo com Pinheiro (2007), no dia 11 de novembro de 1975, data acordada entre Portugal e os movimentos de libertação angolanos, foi declarada a independência de Angola. Brasil, foi um dos países que reconheceu o governo instalado em Luanda. Em seguida teve a guerra civil que terminou em 2002, que foi a guerra civil mais longa em todo o território africano, tendo destruído inúmeras infraestrutura em todo território angolano e com um número incontável de civis mortos.

Sobre a produção de conhecimento em Angola, importa destacar que ainda é um problema a ser resolvido, tanto é que os professores ainda recorrem a materiais didáticos produzidos no ocidente por intelectuais ocidentais.

A produção de conhecimento em Angola, ainda enfrenta diversos desafios cultural, político e econômico. A produção de conhecimento em Angola, está atrelada ao interesse das elites angolanas, conforme Zau (2009). O autor supracitado argumenta que a produção de conhecimento em Angola, não está preocupada em trazer à tona aspectos endógenos. De acordo com o mesmo autor esse processo é marcado por falta de interesse das elites pós-colonial e dos

³ Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

⁴ Comunidade para o desenvolvimento da África Austral

governantes em dar ênfase as epistemes locais, uma vez que ainda está impregnando por uma **herança colonial e colonizadora**.

Assim sendo, nota-se a tamanha preocupação em resgatar ou implementar a **educação intercultural** que praticamente não se fazem sentir nas escolas ou instituições angolana, de acordo com a discussão trazida por Patacho:

[...] no desenho de projectos de investigação educacional nas escolas, muitos deles profundamente ligados a importantes questões da sociologia da educação, tornou-se evidente a prevalência daquilo que poderíamos designar, seguindo a designação de Flick [2005], por processo linear de investigação. Por outras palavras, na maior parte dos casos, um modelo de investigação de matriz hipotético-dedutiva em que o ponto de partida são hipóteses teóricas fortemente ligadas a modelos plasmados na literatura científica (na sua maioria oriunda das academias ocidentais), que são operacionalizadas junto de uma determinada amostra mediante um método de inquérito que procura medir variáveis e encontrar correlações significativas. (PATACHO,2013, p. 2)

Em Angola, nas escolas, a aprendizagem da história de Angola/África e das línguas locais ainda não é de carácter obrigatório dentro das escolas, porém, as línguas estrangeiras como o inglês, francês e o espanhol é obrigatório, ou seja, o aluno(a) tem a obrigação de escolher uma dessas línguas como o veículo de comunicação e de aquisição de conhecimento. Nas universidades a realidade não é diferente, poucas são as disciplinas ministradas em línguas locais.

A fala é o marcador da transmissão de conhecimento para os africanos, que leva o conhecimento em distintas áreas de aprendizado e de resgate cultural. Lembrando que durante o processo colonial, a oralidade foi um dos aspectos culturais que o colono não conseguiu retirar totalmente dos africanos, tendo perdurado até hoje.

A preocupação de se abrir mais espaços de aprendizados ligado a cultura em escolas, e universidade é de carácter importante, sendo que é quase impossível ter a presença de autoridades tradicional ou anciões para transmissão de conhecimento para quem desconhece a história da sua localidade.

A fala revela a preocupação de passarmos o testemunho para próximas gerações, que desconhecem uma certa realidade e ela também acarreta valores que vão além do homem no sentido de tornar ela sagrada. Sendo que Hampaté Bâ (2010, p. 172), considera: “[...] concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente”.

As instituições em Angola sobretudo as universidades poucas vezes destacam os estudos africanos dentro dos seus debates acadêmicos, visto que Rocha (2011, p. 145), aponta que “uma universidade, seja pública ou privada, exerce uma função social, cultural e científica relevante.” No sentido de destacar e de dar autonomia os estudos locais e desenvolver novo plano curricular”.

De modo cultural, as línguas africanas possuem um papel extremamente essencial nos saberes africano, pois é uma das diferentes formas de preservarmos os nossos saberes e conhecimento endógenos, visto que Kaphagawani e Malherbe (2002, p. 8), afirmam que: “a linguagem de um grupo étnico simplesmente o mais importante repositório de conhecimento acumulado da sociedade.” Os africanos têm a língua como o elemento primordial no fortalecimento de uma educação emancipada, mas que, infelizmente, foi se esvaziando dentro das academias africanas, onde prevalece a língua do colonizador, para Prah (2019), é necessariamente que a descolonização da educação deva começar com o uso da língua vernacular.

2. DESVALORIZAÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS

Debruçando sobre o assunto, não significa que discussão foi desprovida de avanços dentro das instituições africanas ao logo desses tempos. Todavia, de acordo com Cardoso (2011, p.139) “o ensino das ciências sociais conseguiu estabelecer-se mais ou menos nas faculdades e instituições do ensino superior, mesmo se as condições continuam a ser precárias em muitas destas instituições.” A preocupação levantada remeti-nos na valorização dos trabalhos africanos com mais eficácia dentro das instituições e na consistência dos estudos teóricos em África.

Não se trata apenas de ter universidades ou instituições dentro do continente africano, é preciso que tais instituições valorizem e tragam os estudos africanos ligado as teorias e práticas africanas e se desfazer da **biblioteca colonial**.

Em África, raramente se discute questões voltadas para o continente e para os africanos, sendo que a maior parte dos intelectuais africanos têm as suas pesquisas com foco nos estudos não locais.

Hountondji (2008, p. 149), afirma que: “[...] o estudo da África, tal como desenvolvido até hoje por uma longa tradição intelectual, faz parte de um projeto abrangente de acumulação do conhecimento iniciado e controlado pelo Ocidente.” No mesmo modo Prah (2019, p.174), reforça que: “[...] com base nisso, a maior parte de nossa abordagem relacionada à educação

africana atual continua a ser profundamente marcada pela herança colonial.[...]” Nota-se que até em então a desvalorização dos estudos africanos não diz respeito somente à falta de material produzido em África, mas também ao comprometimento dos africanos para África, alguns estudantes africanos residentes no exterior raramente produzem trabalhos voltados para pensar-mos África e os africanos.

Em instituições angolanas os textos dados e lidos que discutem sobre o ocidente, revelam a falta preocupação dos professores ou até mesmo da instituição sobre os estudos africano. Por exemplo, no colégio em que fiz o meu ensino médio, em Angola, poucas vezes ou quase que nunca se discutiu sobre os estudos africanos e os conteúdos dados sobre o ocidente são bastante conhecidos devido a radiação desse conteúdo e da repetição dos mesmos durante a formação acadêmica. Dificilmente, os intelectuais africanos ou autores que estudam sobre África são apresentados no programa curricular de algumas escolas.

Não é que existam poucos estudos sobre África e para os africanos. O que se contesta é a pouca preocupação de implementação desses estudos em espaços de aprendizagem, e a alienação de alguns governantes africanos que têm ideologias voltadas para o ocidente e acabam trazendo tais práticas em diferentes instituições de ensino e acabam dando destaques aos estudos ocidentais.

Outro ponto, é a descriminalização dos trabalhos acadêmicos feito pelos africanos que acarretam uma série de críticas e até reprovação pelo ocidente, assim como salienta Yanhak (2016, p. 143):

A desqualificação do discurso acadêmico da África como sendo não acadêmico, um tanto descritivo, insuficientemente imparcial e superficial demais para fins acadêmicos, parece ser um subproduto da percepção eurocêntrica de que a mente africana “primitiva” costuma ser incapaz de pensamento abstrato e expressão e que lida mais com o concreto. Isto, por inferência, se estende ao plano do discurso acadêmico, onde se diz que os africanos se dedicam mais à descrição concreta do que à abstração. (YANHAK, 2016, P.143)

O aprendizado dos estudos africanos é dado na maioria das vezes a partir do olhar dos Europeus dentro e fora de África, assim por diante, as produções de trabalhos e estudos sobre África, é proveniente de histórias contadas pelos Europeus. É preciso que os africanos estejam mais ativos quanto a questão de trabalhos para África e implementar os trabalhos em instituições africanas e não só.

3. PAPEL DAS HUMANAS EM ÁFRICA

Fora das questões já levantadas acima destaca-se a preocupação de estudar as humanas no continente africano, como elas estão inseridas e como são gerenciadas dentro do mesmo contexto.

As humanas em África, é o elemento tido como a principal teoria capaz de olhar os problemas dos desafios nas universidades ou instituições. Conforme coloca Cardoso (2011, p. 130), “a tarefa das ciências sociais consistiria, assim, em ajudar a encontrar essa tal perspectiva correta.” Essa perspectiva deve ser capaz de olhar para a produção de conhecimento dentro das instituições locais.

Fase a essa discussão surge o papel das humanidades nos estudos africanos, visto que as humanas possuem a responsabilidade de refletir sobre a sociedade e os fenômenos que marcam as dimensões político, cultural, econômico, religioso e social de uma sociedade. As humanas em África, passam por uma série de desafios. Falola (2006, p. 9) destaca:

O argumento que proponho nesta conferência é simples: para repensar as Humanidades na África, temos de nos reapropriar do passado e recondiçaná-lo; demarcar fronteiras apropriadas para enfrentar e conter o Ocidente; reorganizar a produção e a apresentação do conhecimento; e reconhecer que, em última análise, sem a criação de uma economia diversificada, os estudantes egressos de nosso ensino superior, por mais bem formados que sejam, sofrerão a desilusão de viver em um meio que os sufoca, em um ambiente do qual não se orgulham e sob governos com os quais não conseguem identificar-se. O objetivo aqui é fazer um apelo por Humanidades que respondam aos desafios de reformular idéias, metáforas, narrativas e quadros teóricos, para que possam servir a alguém mais do que à elite desavergonhada. (FALOLA, 2006, p. 9)

Primeiramente é necessário admitir que existe problema nas instituições em África e em seguida identificar o mesmo e assim por diante procurar dar solução. Ao resolver a principal dificuldade parte dos governantes, sendo que os impedimentos de tais desafios na produção veem do sistema de governação dos políticos africanos que seguem o modelo que muitos deles olham os cientistas sociais como inimigo e ameaça do governo, dificultando claramente o papel das humanas nos estudos locais.

Necessariamente, as humanas têm inúmeros desafios a ser cumprido e uma delas é resgatar o que foi perdido que é o ser africano, de acordo com Falola (2006 p.22): “as humanidades devem redefinir colando o que é africano no centro” e assim dar avante os estudos no olhar da produção de conhecimento para África e para os africanos. Por outro lado, de acordo com Menezes (2012, p.90), “[...] África, sobretudo a região a sul do Sahara, transformou-se num lugar

das trevas, do desconhecimento, da ausência de razão, por contraste com o mundo da razão, território ocupado pela civilização.” que o contraste de produção de conhecimento tornou-nos cego por opção e depravado de conhecimento do estudo africano.

Hoje em dia, nota-se poucos pesquisadores africanos interessados em produzir para África, sendo que a maior parte dos seus estudos estão voltados para o ocidente e que por si contribuem no avanço científico da Europa deixando de lado o continente desprovido de pesquisa ou estudos direcionados para si. Os desafios enfrentados pelos africanos, parte do pressuposto da falta de interesses dos políticos e dos intelectuais africanos, visto que a luta tem que partir da articulação entre ciência e a vontade política de inscrever no mundo todo o conhecimento endogenamente produzido.

Slenes destaca que:

[...] os estudos da “tradição oral” e, mais ainda, os de “arqueologia lingüística”. Esses últimos procuram reconstruir a história social e cultural a partir da evolução de vocabulários, especialmente na área linguística bantu da África Central e Meridional entre c. 5.000 a. C. e o presente. As pesquisas nas duas áreas demoliram o mito da impossibilidade de se fazer uma história do continente profundo no tempo e de grande densidade.[...] (SLENES, 2010 , p. 22).

Todavia, é importante destacar que tais discussões fortalecerá os estudos das humanas em África, capaz de construir visões que visam melhorar os desafios enfrentados nas instituições acadêmicas, e não nos tornamos dependentes do ocidente, por outra Prah (2019 , p.172), fala da importância de centralizar a cultura africana no sentido de dar avanços significativos para o desenvolvimento de África e para os africanos e que sem a valorização cultural o nosso desenvolvimento não terá mudanças significativas.

É necessário tornar mais abrangente, os estudos produzidos pelos africanos, com o intuito de espalhar a mensagem e dar a conhecer sobre a verdadeira história dos africanos.

M’Bow concluiu seu prefácio desejando que a História Geral da África fosse amplamente divulgada e traduzida em muitas línguas e “[servisse] de base para a elaboração de livros infantis, livros escolares e programas de rádio e televisão. Os africanos poderiam conhecer o passado de seu continente e obter uma melhor compreensão de sua herança cultural e contribuição para a humanidade”. A História Geral da África contribuiria assim “para fomentar a cooperação internacional, fortalecer a solidariedade entre os povos na aspiração de justiça, progresso e paz” (HOLL, MELO E ET AL, 2020, p. 11).

Não descartando a possibilidade que já existem textos africanos traduzidos em outras línguas, mas reforçando a ideia da continuação de lançamentos de trabalhos africanos em outros

idiomas e em línguas locais, com objetivo de fazer chegar os estudos africanos em diferentes latitudes do continente.

3.1. Sobre o Roteiro de Perguntas

Desta feita, por falta de acesso aos PPC do curso de Sociologia em instituições Angolanas, optamos em elaborar questionários de modo a orientar o nosso trabalho e torná-lo bem mais específico, neste caso, o estudo teve como o público-alvo, estudantes de algumas universidades de Luanda e Brasil (UNILAB) com base nas perguntas acima descritas. Foram elaboradas diversas perguntas, porém, decidimos trazer no trabalho apenas 6 perguntas norteadoras e centradas no nosso objetivo principal da pesquisa ora em causa.

1. Dados pessoais (nome, idade, onde mora e com quem)
2. Instituição de ensino e o ano de curso?
3. Como estudante do curso de sociologia, durante o percurso acadêmico teve acesso ou conteúdo sobre os estudos africanos?
4. Quantas disciplinas da grelha curricular do curso de Sociologia versam sobre os estudos afrocêntrico?
5. Você acha importante a os estudos afrocêntricos dentro das instituições angolana?
6. Qual é o conteúdo afrocêntrico dado no curso de sociologia?

De acordo com as questões elaboradas e dadas aos estudantes, todos, sem exceção alguma, tiveram disciplinas que versavam sobre os estudos afrocêntrico. No entanto, há pouco espaço na grade curricular para aprofundamento de conteúdo africano, em algumas instituições de Angola/ Luanda.

Manuel, 26 anos, estudante de sociologia na UNILAB, afirmou que enquanto esteve em Angola, teve pouco conteúdo sobre estudos afrocêntrico e lamenta que, estando aqui, no Brasil-UNILAB, é que teve maior conteúdo sobre os estudos afrocêntrico . O estudante destaca também que notou pouco interesse da parte de professores angolanos em lecionarem disciplinas focadas nos estudos africanos.

Para Pedro, de 28 anos estudante do quarto ano na universidade Antônio Agostinho Neto, até então só teve contanto com disciplina que fala sobre estudos africanos e Angola no primeiro e terceiro semestre do curso.

Agostinho, de 30 anos estudante do terceiro ano do ISCED⁵ de Luanda, teve o contato sobre os estudos africanos apenas no segundo ano do curso.

Tomás, 26 anos estudante do quarto ano na universidade do ISCED de Luanda, relatou que teve apenas uma disciplina que fala sobre a História de Angola, durante o seu percurso de formação acadêmica como futuro professor.

Nádia, 24 anos, cursando o quarto ano na universidade António Agostinho Neto (UAN⁶), teve contato com disciplinas que falam sobre história de Angola e África mas trouxe a preocupação do pouco conteúdo trazido durante o curso todo.

Todavia, de acordo com Nádia, Tomas Pedro e outros estudantes entrevistados nota-se que todos levantam e apontam as mesmas problemáticas referida ao pouco espaço de disciplinas afro centradas nas universidades Angolanas, em contato com a grelha curricular da universidade António Agostinho Neto e o ISCED de Luanda vê-se a pouca implementação de disciplinas africanas no currículo escolar no curso de licenciatura em Sociologia, das disciplinas encontradas no site do plano curricular das universidade do ISCED e UAN, foram ; História de Angola, História do pensamento sociológico Angolano, Culturas Africanas, Sociologia Africana, Sociologia P. da África Contemporânea, Etnossociologia de Angola.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pois sendo um trabalho acadêmico, decidimos trazer questionamentos para alguns estudantes do curso de sociologia de Luanda/Angola, sendo que desenvolvemos a nossa pesquisa no estudo de campo, com a implementação de entrevistas semiestrutural para os entrevistados. “A entrevista ela é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática centrada.” (HAGUETTE, 1995 apud LIMA, ALMEIDA e LIMA, 1999, p. 133).

Segundo De Oliveira (2011, p. 36), as entrevistas semiestruturadas, elas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado. Ainda de acordo com De Oliveira (2011), as entrevistas semiestruturadas baseiam-se em um roteiro constituído de perguntas abertas. É partir dos

⁵ Instituto Superior De Ciências da Educação (ISCED): <https://isced.ed.ao/>

⁶ Universidade Antonio Agostinho Neto (UAN) : <https://uan.ao/contactos>

questionamentos feitos pelo entrevistador para o entrevistado que vai se constituindo as informações necessárias para a pesquisa.

Todavia, a entrevista serviu de orientação para a elaboração do nosso artigo infelizmente nos limitamos somente em estudantes pertencente a cidade capital por pouco contato com estudantes de Sociologia em outros lugares de Angola.

De acordo com as entrevistas feitas com cinco estudantes do curso de licenciatura em Sociologia em algumas universidades de Angola, propriamente em Luanda, todos destacaram que tiveram contato sim com os estudos afrocêntrico mas que são poucas disciplinas que fazem parte da grelha curricular nas suas instituições, conforme consta dos PPCS das universidades angolanas que disponibilizaram no site eletrônico.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O resultado dos dados coletados aponta que 75% dos estudantes entrevistados do curso de sociologia evidenciam que têm sim no plano curricular disciplinas/cadeiras cujo conteúdo estudos afrocênticos, no entanto, há pouco destaque das disciplinas africanas na grelha curricular, sendo que para João, estudante do último ano na UAN, fala da importância dos estudos africanos dentro da grelha curricular é fundamental para o conhecimento da realidade social e política de Angola e do continente africano. João, aponta que há sim o interesse dos professores Angolanos implementarem disciplinas sobre Angola, porém, esse interesse se esbarra na pouca produção de conteúdo em português.

Em outro diapasão se situa Manuel:

Neste texto, concentramo-nos especificamente em tentar fazer uma introspecção à sociologia angolana, à medida que é concebido para animar a conversa de sociologia da COESO (Comunidade de Estudantes de Sociologia). Pretendemos rumar contra uma tendência já denunciada por Merton [1979: 285] de que os intelectuais das ciências sociais deviam primeiro estudar os seus próprios problemas, situação e comportamento do que despende mais energias em outrem (MANUEL, 2016, p. 4).

É preciso a participação dos intelectuais angolanos dentro do planos curricular nas instituições em Angola, todavia, partindo do ponto de vista do Manuel (2016, p. 6), “é um exercício que poderá trazer algum desassossego dada a falta de proficuos debates a respeito.” Ao abraças tais desafios há uma obrigatoriedade de preencher o espaço dos conteúdos do sul global enraizado dentro das universidades Angolanas.

De acordo com os aspectos já mencionados acima, Venâncio (2012), destaca a dificuldade do acesso dos estudos africanos dentro das academias ou universidades e, desse modo, falta de disciplinas práticas como literaturas de línguas nacionais em África/Angola, visto que:

[...] dificilmente a História de África (que, pelas razões apontadas, tem de recorrer à tradição oral e, em concomitância, ao contributo de ciências como a Etnologia e a Antropologia) pôde afastar-se do historicismo que tem marcado a história do pensamento social nos últimos três séculos.(VENÂNCIO, 2012, s/p)

Por outra, Venâncio (2012), aponta que a fragilidade dos estudos africanos deve-se ao defice encontrado dentro das escolas africanas e no âmbito das ciências políticas no intercâmbio com outros países não africanos. Portanto, Angola/África, enfrentam sérios desafios na produção de conhecimento. Todavia, tais desafios não são de carácter permante, pois, é preciso o engajamento dos intelectuais africanos e o intesseres dos governantes na mudança ou reforma dos currículos do Sul Global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se levantou foram as questões voltadas para o saber africano e para os africanos, que perduram e atravessam o cotidiano de produção e aquisição do conhecimento nas universidades africanas. São questões abrangentes que atravessam diversas realidades africanas, possuem poucos espaços de debates dentro do continente africano, vale ressaltar que o arcabouço teórico não é o suficiente para discutir as questões levantadas no trabalho. É necessário que haja ação para lidar com os problemas apresentados. Notou-se que, o problema é bastante complexo, mas que não é impossível de resolvê-lo e é claro a mudança é um processo.

Ao longo da escrita existe um aspecto que nem sequer foi comentado mas que é necessário frisar aqui ao olhar sobre a produção de conhecimento africano é necessário que esteja acompanhado com o avanço científico que o mundo vem vivendo ao longo do tempo. Não que necessariamente precisa-se da aprovação do mundo para que África caminhe ou produza, mas é no sentido de dar respostas ao se diz sobre o continente africano que somos incapazes de produzir conhecimentos.

Deste modo, é necessário que exista uma revolução científica voltada na produção de conhecimento Angolano/africano e lutar que com ela perdura até as próximas gerações. Assim sendo, o presente trabalho trouxe estudo voltado de um olhar científico e que por falta de acesso

aos PPCs dos cursos nas Universidades, recorremos em roteiros de entrevistas, que nortearam o corpo teórico do trabalho, capaz de responder as questões levantadas.

Ao longo da escrita nos deparamos com inúmeras dificuldades quanto ao acesso dos PPCs dos cursos de Sociologia e tivemos as entrevistas como os elementos de recurso sobre a discussão.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampaté et al. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.
- CARDOSO, Carlos. Da possibilidade das ciências sociais em África. **Como Fazer Ciências Sociais em África.**, v. 3, p. 125-143, 2011.
- DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO**, 2011.
- FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. **Afro-Ásia**, n. 36, p. 9-38, 2007.
- FERREIRA, Roquinaldo. A institucionalização dos estudos africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações. **Revista Brasileira de História**, v. 30, p. 73-90, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.
- GOMES, Carla Amado. O desafio da protecção do ambiente em Angola. **CAMPO JURÍDICO**, v. 1, n. 1, p. 13-34, 2013.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 149-160, 2008.
- HOLL, Augustin FC. A pesquisa em Ciências Sociais e Humanas na/sobre África: buscando por alternativas. **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 1019-1044, 2020.
- KANDINGI, Luis Domingos Francisco et al. O estatuto disciplinar da literatura angolana: contributo para uma epistemologia dos estudos literários africanos. 2016.
- KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. African epistemology. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. NewYork: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.
- LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142**, 1999.
- MACAMO, Elísio. (2002), A constituição de uma sociologia das sociedades africanas. **Estudos Moçambicanos**, 19: 5-26.
- MANUEL, Adérito. Sociologia como ideologia em Angola Por Adérito Manuel (aderito. manuel@ isced. ed. ao). **SOCIOLOGIA, ENSINO E PRÁTICA (livro online)**, p. 4.
- MENESES, Maria Paula. Uma perspectiva cosmopolita sobre os estudos africanos: a lembrança e a marca de Aquino de Bragança. **Como fazer ciências sociais e humanas em África. Questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas**. Dakar: CODESRIA, 2012.

- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.
- QUIJILA, Abel Calombo. Repensar o lugar de Kimpa Vita e o movimento antonista Nos livros didáticos angolanos a Partir Da História e das Artes. 2022
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso**, pág. 107-126, 2005.
- PATACHO, Pedro Manuel. Investigador em Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 11, pág. 107-119, 2013.
- PINHEIRO, Letícia. " Ao vencedor, as batatas": o reconhecimento da independência de Angola. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 39, p. 83-120, 2007.
- PRAH, Kwesi Kwaa. Decolonizando as ciências humanas na África pela soberania intelectual. **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**, p. 171, 2019.
- ROCHA, Aurélio. A Universidade e a sua função como instituição social. **SILVA, C. & S. Como fazer ciências sociais e humanas em África: questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas. Dacar: CODESRIA**, p. 145-155, 2011.
- SLENES, Robert. A importância da África para as ciências humanas. **História Social**, n. 19, p. 19-32, 2010.
- TÁIWÓ, Olúfêmi, O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas. Volume III, 2016.
- VENÂNCIO, José Carlos. Historicismo, ciência e poder de classificação. Reflexões em torno da problemática da democracia em África e em Angola. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 10, p. 35-48, 2012.
- YANKAH, Kwesi. A globalização e o acadêmico africano. **O resgate das ciências sociais e humanas e das humanidades através de perspectivas africanas, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão**, p. 135-161, 2016.
- ZAU, Filipe. Educação em Angola. **Novos trilhos para o desenvolvimento. Lisboa: Movilvros**, 2009.
- ZAU, Filipe. Angola: Trilhos Para O Desenvolvimento. 2002.